

Do Global ao Local: A geografia do narcotráfico na periferia de Belém

Aiala Colares de O. Couto

Mestre em Planejamento do Desenvolvimento Regional pela UFPA

Resumo

Os bairros periféricos do Guamá e da Terra Firme, abarcados pela bacia do Tucunduba na periferia de Belém na Amazônia Oriental, estão envolvidos por uma espécie de territórios-rede em que o tráfico local está associado ao tráfico global, e ao mesmo tempo, em escala local, convivem com a presença de territórios-zona, onde o tráfico se fecha para comandar sua atuação. Nesse sentido, a criminalidade vem se expandindo na forma de uma territorialização perversa, pois o tráfico de drogas impõe os seus interesses pelo uso da força e pela lógica do medo como estratégias de dominação.

Palavras-Chave

Narcotráfico, Amazônia, redes, território, violência

Introdução

A expansão do crime organizado na Amazônia brasileira nas últimas décadas vem destacando o importante papel que a região desempenha no comércio internacional de drogas. Por outro lado, vale mencionar que a Amazônia não representa apenas uma área de trânsito da droga, mas também um de seus mercados consumidores, pois o narcotráfico se materializa nas periferias das duas metrópoles da região (Belém e Manaus). Nesta pesquisa, destacam-se os bairros do Guamá e da Terra Firme, localizados na periferia de Belém, na Amazônia Oriental, onde o narcotráfico tomou conta de alguns pontos estratégicos para a comercialização da droga e com isso contribuiu para o crescimento da violência urbana na cidade.

O narcotráfico se territorializou nesses dois bairros (Guamá e Terra Firme) a partir de pontos críticos de serviços e infraestrutura urbana, ou seja, em áreas de habitação precária que surgiram com a expansão urbana acelerada, resultado de um processo desestruturado de urbanização espontânea. A expansão urbana de Belém em direção às suas periferias não seguiu um padrão de planejamento adequado, capaz de impedir as contradições sociais na produção do espaço. Nesses locais, é nítida a manifestação da pobreza e da precariedade.

O planejamento da cidade, nas últimas décadas, negligenciou os problemas de suas periferias, priorizando os investimentos na área central, obedecendo a um modelo de desenvolvimento urbano que estava articulado com interesses da classe média da cidade. Nesse sentido, a periferia excluída passou a fazer parte de um processo de construção do espaço urbano segregador e criador de um tecido socioespacial fragmentado.

Essa fragmentação socioespacial do espaço urbano de Belém, que marca as contradições internas da metrópole, tornou-se estratégica para a atuação do narcotráfico na periferia. Por outro lado, essa expansão do tráfico de drogas na cidade deve ser vista não como algo isolado, mas sim dentro de um contexto global, no qual as redes ilegais do narcotráfico nas fronteiras da Amazônia estão inseridas.

Para uma melhor identificação do narcotráfico na metrópole de Belém, destaca-se que os bairros do Guamá e da Terra Firme estão inseridos dentro de uma articulação geográfica das redes ilegais, servindo como mercados consumidores e como ponto de distribuição da droga dentro da metrópole. Assim, a organização espacial do narcotráfico nesses bairros está articulada de duas formas: uma definida como territórios-zona, ou seja, territórios fechados e muitas vezes sujeitos a conflitos com grupos rivais pela disputa de venda da droga, estando a população inserida direta ou indiretamente dentro do poder de comando do tráfico, e outra definida como territórios-rede, que são territórios abertos onde a estrutura reticular das redes ilegais do narcotráfico foi inserida por meio da organização espacial em pontos de distribuição e controle dos fluxos de droga na cidade.

Essas duas formas de enxergar a atuação do narcotráfico nesses bairros periféricos representam uma proposta teórica de entender a dinâmica econômica, política e simbólica dessa atividade ilícita na metrópole. Sendo

assim, as redes desenvolvem um papel central nesse contexto, ou seja, a organização e a estruturação do território. Para isso, a exclusão social, a precária atuação do Estado, o desemprego crescente e a fragmentação do tecido socioespacial da metrópole são processos que levam à expansão da atuação das redes ilegais do tráfico de drogas, pois essa atividade se apresenta como uma oportunidade de inclusão na sociedade do consumo.

A manifestação da economia do crime, ou melhor, daquilo que Castells (1996) chamou de “integração perversa”, é, na verdade, uma prática que está dentro de uma escolha racional da sociedade, pois as possibilidades de ganho acabam por justificar as possibilidades de riscos, e diante de uma situação de pobreza e miséria, a população se torna alvo fácil de cooptação. O narcotráfico na periferia de Belém já é reconhecido como uma atividade que gera altíssimos lucros, e por isso acaba por atrair muitas pessoas que são utilizadas como mão de obra barata e descartável para a economia da droga.

Para entender a inserção dos bairros do Guamá e da Terra Firme no contexto do tráfico internacional de drogas é importante analisar, antes de tudo, os problemas estruturais que os bairros sofrem e que são de grande importância para que a criminalidade se manifeste de forma eficaz, sobretudo no que diz respeito ao tráfico de drogas, que se territorializa a partir de áreas que representam, segundo Haesbaert (2002), os “aglomerados de exclusão”, locais de extrema insegurança e instabilidade, onde a miséria e a pobreza imperam. E sendo assim, a expansão do narcotráfico na periferia se manifesta por meio da lógica territorial do circuito da droga, embutida em duas formas de organização, ou seja, azonal e a reticular.

A escala global/regional do narcotráfico na Amazônia

A Amazônia, região de grande importância pela sua rica biodiversidade e infinidade de recursos que despertam interesses de vários atores sociais, vem, nas últimas décadas, sendo palco de intensos conflitos pelo uso do território, sobretudo em sua imensa fronteira com os países limítrofes, que também possuem em parte de seus territórios um pouco dela. A estratégia de defesa do estado brasileiro com a implantação do Projeto Calha Norte (1986) e do Projeto SIVAM-SIPAM (2001) não foi suficiente para amenizar esses conflitos e eliminar as atividades ilegais que explodem ao longo da fronteira.

O contrabando de ouro e de diamante, a biopirataria, a grilagem de terras e o desmatamento ilegal, somando-se com o narcotráfico e a lavagem de dinheiro, são hoje atividades que desafiam o poder do Estado-Nação e colocam sob ameaça a soberania brasileira e o controle de fato (e não de direito) da região. As políticas de defesa nacional ainda encontram muitas dificuldades para garantir definitivamente uma ação mais presente do poder público no que diz respeito ao combate às redes ilegais. Pesquisas anteriores sobre essas redes sugerem que nas últimas décadas aquelas que obtiveram relativo sucesso em fazer uso da bacia amazônica sul-americana como unidade funcional e como região geográfica foram firmas e empreendimentos que exploram o comércio ilegal de drogas e contrabando de mercadorias (MACHADO, 1998).

As redes ilegais do narcotráfico necessitam de uma ampliação de sua escala de atuação em cadeias e por isso manifestam estratégias de produção, distribuição e consumo da droga. A geografia explica a importância da Amazônia brasileira para o tráfico internacional de drogas, principalmente a cocaína proveniente dos países andinos. Na conferência mundial sobre crime organizado global, realizada pela ONU em 1994, estimou-se que o comércio de drogas no planeta tenha atingido a cifra de quinhentos bilhões de dólares por ano, ou seja, foi maior que o valor das transações comerciais globais envolvendo o petróleo, por exemplo (ONU, 1994).

Entre o período de 2006 a 2008 houve um aumento da produção de coca no Peru, na Bolívia e na Colômbia, ou seja, países limítrofes com a Amazônia brasileira e que enfrentam problemas de instabilidade envolvendo o crime organizado. Portanto, para os maiores produtores de coca do mundo deve existir uma rota de transportes para a distribuição da droga para os principais mercados consumidores. Dessa forma, a região amazônica se sobressai por apresentar particularidades sociogeográficas que foram incorporadas pelas redes ilegais. De acordo com um relatório da ONU (2009), mais de 99% dos laboratórios de processamento de coca estão localizados nos três maiores produtores do planeta citados.

As organizações criminosas internacionais esquematizam estratégias desde cima, contudo com uma importante diferença em relação às organizações formais. As atividades ilegais devem integrar a visão desde baixo, pelo fato de estarem sujeitas a uma maior exposição ao risco no território. A articulação e o êxito dos negócios ilegais são intensamente dependentes de conexões locais, aproveitando-se de complexos e instáveis sistemas de informação e telecomunicação.

Não há dúvida de que uma das principais atrações do ilegal para a massa de trabalhadores informais (imigrantes, comerciantes ambulantes, microempresários, trabalhadores autônomos, artesãos, subcontratados, etc.) é a percepção de que possa ser uma via de ascensão social, com acesso rápido às benesses do consumo, reais ou ilusórias (MACHADO, 2003, p. 6).

Analisando o papel da Amazônia na escala global do tráfico de drogas e destacando os principais corredores de transportes do complexo coca-cocaína, percebe-se o destaque fundamental do rio Amazonas, pois é um importante meio de ligação do Atlântico ao Pacífico. Acredita-se que várias cidades que não foram citadas na pesquisa e se situam em torno deste rio estão envolvidas de forma direta ou indireta na trama das redes ilegais.

Pela bacia Amazônica o tráfico encontra um meio mais seguro de fazer o transporte da droga. Entretanto, existe toda uma estratégia organizada das redes que lançam mão de sistemas multimodais para isso. Dos países andinos até a Amazônia brasileira o acesso é possível por estradas ou transporte aéreo que se vale de pistas clandestinas. Desde a criação do projeto SIVAM, os narcotraficantes estão utilizando com mais intensidade o transporte marítimo. É nesse aspecto que se apresenta a organização do tráfico de drogas na região amazônica e nas cidades envolvidas por essa atividade ilícita. Naquelas que lidam com o varejo, o narcotráfico se manifesta na forma daquilo que Souza (1995) denominou de territorialidade descontínua (ou em rede) (SOUZA, 1995, p. 435-436).

Essa ideia de territórios descontínuos é uma possibilidade de entender a problemática do tráfico de drogas numa perspectiva que engloba tanto o conceito de território quanto o de rede (SOUZA, 1995, p. 436). Só assim é possível entender a estrutura local do tráfico nas favelas, a relação mais ampla entre chefes do tráfico, a formação dos comandos, a articulação das relações (fluxos) que se dão entre áreas não dominadas (os bairros legais) e que se tornam áreas de influência de determinados pontos de venda (bocas-de-fumo) (RURHOFF, 1998, p. 03).

O reflexo da atuação das redes ilegais do narcotráfico é o crescimento do tráfico de drogas nas duas metrópoles regionais, ou seja, Belém e Manaus. Essas duas cidades se destacam como principais nós de ligação das redes nas escalas internacional e regional. Os fluxos seguem em direção aos mercados internacionais, seja por avião, seja por navio. O principal destino da cocaína são os mercados europeu, africano, norte-americano e do Sudeste do Brasil. Outra parte da droga é comercializada na própria região, o que nas últimas décadas vem expandindo o tráfico de drogas, principalmente nas áreas periféricas de Belém, nossa área de estudo.

O Tucunduba como o “nó da trama”: De lugar de resistência ao lugar de perversidade no Guamá e na Terra Firme

As baixadas representam não somente a área de expansão da cidade mas também o espaço de resistência e sobrevivência daqueles que foram excluídos do mercado formal imobiliário e provido de serviços urbanos de qualidade. Com isso, o padrão de ocupação adensado com uma tipologia típica de favelas deixa bem evidente o perfil socioeconômico de quem os habita. A Prefeitura Municipal de Belém considera baixada toda área de cota topográfica de 4m, e abaixo de 4m, correspondente à planície inundável.

A evolução urbana em direção às áreas chamadas de baixadas se deu, sobretudo, nas décadas de 1960, 70 e 80, acompanhada de intenso êxodo rural e crises econômicas que se sucederam, desencadeando problemas relacionados à questão da moradia.

O acelerado processo de ocupação humana das áreas de baixadas, que tomou impulso com a luta pelo direito à moradia, adensou esses espaços, ao mesmo tempo que favoreceu o movimento de valorização de seus terrenos, criando-se com isso um padrão compacto de organização espacial, acelerado pelo processo de verticalização iniciado nas áreas mais altas (OLIVEIRA, 1992). Nesses termos, percebe-se nas baixadas de Belém a existência de um modelo de organização espacial que lembra as favelas do Rio de Janeiro, pois há o predomínio de casas semiconstruídas ou construídas com material de baixa qualidade, e que geralmente simbolizam um espaço de segregação socioespacial em locais periféricos, alagados, fonte de uma mão de obra de baixo poder de compra.

Os problemas urbanos comuns a Belém e à maioria das capitais brasileiras, como o binômio centro/periferia, a verticalização, os vazios urbanos e a exclusão socioespacial fazem parte da lógica de reprodução social da cidade, em especial da dominação no interior da metrópole: uma lógica de segregação na qual colocam em posição oposta aqueles que se benefi-

ciam com os investimentos estatais e com a valorização imobiliária deles decorrentes e aqueles que vivem em situação de degradação das condições de vida, com pouca opção de moradia e com precário acesso aos serviços públicos e à infraestrutura urbana.

A bacia do Tucunduba tem localização a sudeste da cidade de Belém e corresponde a um dos afluentes do rio Guamá, possui aproximadamente, 1055 Ha, onde 575 Ha estão em áreas de “baixadas”, o que corresponde a 21,02% das áreas de várzea de Belém (segundo dados de 1974 do Departamento Nacional de Obras de Saneamento). Compõem essa bacia 13 canais com 14.175 metros de extensão, dos quais 7.865 metros são retificados. O canal principal da bacia do Tucunduba, onde se encontram as comunidades Riacho Doce e Pantanal, é, para os moradores, o marco divisor entre os bairros do Guamá e Terra Firme, embora a Lei nº 7.806, de 30/07/1996, estabeleça outra delimitação (MARQUES, 2001, p. 69). A área do Tucunduba engloba parte dos bairros do Guamá, Canudos, Marco e Jabatiteua, onde residem cerca de 35 mil famílias, num total subestimado de 175 mil pessoas, ocupando, de modo informal, terrenos de propriedade da UFPA, que correspondem, aproximadamente, a 1/6 da área descontínua de Belém, conforme consta no parecer, elaborado pela UFPA (ALCANTARA, 1998, p. 21).

A partir dos anos de 1970 ocorreu a fragmentação do chamado cinturão institucional da cidade, que correspondia às terras da UFPA, UFRA, Embrapa e Eletronorte. Essa fragmentação se deu por meio da ocupação da várzea do Tucunduba. Sua evolução urbana se deu em meio de um grande fluxo migratório de famílias de baixa renda que vinham do interior do estado do Pará ou então de outros estados vizinhos e até mesmo áreas da cidade que estavam passando por um processo de revalorização, deslocando uma grande massa de pessoas pobres para as áreas de baixadas. Em meio a esse contexto, a área do Tucunduba recebeu um grande contingente populacional, passando por um crescimento urbano espontâneo.

Trata-se de uma área marcada pela concentração de moradias inadequadas, casas construídas sobre os cursos d'água (palafitas), onde inexistiam ou eram insuficientes as infraestruturas e os serviços básicos, como saneamento (drenagem pluvial, coleta e tratamento dos esgotos domiciliares, industriais e comerciais, rede de água potável, coleta e tratamento de lixo), ou seja, uma área favelizada (RODRIGUES, 2009, p. 04).

Assim, a área do Tucunduba, no limite entre os bairros do Guamá, com uma população de 102.161.000 habitantes, e da Terra Firme, com 63.267.000 habitantes (IBGE, 2000), apresenta uma organização urbana que reflete um processo de segregação socioespacial imposto pelas classes dominantes, as quais transformaram a cidade em mercadoria. Por isso, no limite desses bairros populares tem-se o aparecimento de uma grande área favelada em meio à miséria e informalidade, onde seus habitantes sofrem grande discriminação e preconceito, sobretudo por seus altos índices de criminalidade.

Na área do Tucunduba é perceptível a grande concentração espacial da pobreza, do desemprego e do subemprego. Além disso, ocupações construídas sobre o canal ainda permanecem, ou seja, casas estilo palafitas e es-

tivas, com material de baixa qualidade e quase sempre inacabadas. A criminalidade do tráfico de drogas encontrou na área da bacia do Tucunduba uma região estratégica para a organização do crime, ou para aquilo que Castells (1999) chamou de “integração perversa”, a partir de uma territorialidade precária da comunidade, que é aproveitada pelo narcotráfico na periferia.

Para analisar a questão do lugar como categoria da Geografia iniciaremos uma reflexão acerca do pensamento de Milton Santos (1995), que afirma que existe uma dupla questão no debate sobre o lugar: o lugar visto de “fora”, a partir de sua redefinição, é resultado do acontecer histórico, e o lugar visto de “dentro” é o que implicaria a necessidade de redefinição de seu sentido.

O conceito de lugar aparece como outra categoria geográfica fundamental para a compreensão do território. É a partir de sua apreciação que será possível tomar a complexidade das condições de vida dos indivíduos e dos lugares onde vivem como ponto de partida das políticas sociais.

Para Santos (1995), o lugar poderia ser definido a partir da densidade técnica (que tipo de técnica está presente na configuração atual do território), da densidade informacional (que chega ao lugar tecnicamente estabelecido), da ideia da densidade comunicacional (as pessoas interagindo) e, também, em função de uma densidade normativa (o papel das normas em cada lugar como definitório). Segundo Carlos (1996), a essa definição seria preciso acrescentar a dimensão do tempo em cada lugar, que poderia ser visto por meio do evento no presente e no passado.

A área ocupada de forma espontânea ao longo da bacia do Tucunduba, com destaque para os bairros do Guamá e principalmente a Terra Firme, evidencia bem essa relação de práticas cotidianas que constroem identidades culturais que são reproduzidas em vários bairros populares de Belém e região metropolitana. Encontram-se essas práticas culturais nas formas de vestir, nas músicas e nas gírias que são criadas por moradores. A expansão do tráfico de drogas na área tornou-se uma prática cotidiana para jovens que passam a atuar na economia do crime e ajudam a reproduzir a prática da violência urbana. “A cidade é uma fábrica social da violência, onde os jovens dos bairros pobres são os proletários sem descanso. Mas essa luta pela sobrevivência os arrasta à exclusão” (PEDRAZZINI, 2006, p. 97).

Por outro lado, o lugar, como base de reprodução da vida, também está articulado junto às relações mundiais e, nesse caso, a reprodução da criminalidade nas periferias das grandes cidades tem relação direta com a fragmentação que o espaço metropolitano vem sofrendo. Por isso o narcotráfico ganha uma base de apoio logístico para a sua atuação e utiliza mão de obra descartável dos pobres periféricos.

A área do Tucunduba foi incorporada às redes ilegais do narcotráfico por várias razões, como a sua ligação com o rio Guamá, o que facilita o transporte do pó e da pasta de cocaína que vêm de Abaetetuba ou Santarém; a organização espacial favelada e pobre, o que facilita a cooptação de muitos jovens para as redes do narcotráfico; e o mercado consumidor dos bairros que são envolvidos pela bacia do Tucunduba, destacando o Guamá como mais populoso de Belém.

Os bairros da Terra Firme e Guamá estão inseridos na relação internacional do narcotráfico por meio das redes que partem dos produtores de coca da comunidade Andina (Bolívia, Colômbia e Peru) e que entram na Amazônia brasileira via Manaus-Abaetetuba ou Manaus-Santarém até a rota Santarém-Belém ou Abaetetuba-Belém, chegando pelo rio Guamá e tendo contato com vários portos precários da cidade, evidentemente tendo contato com a bacia do Tucunduba.

Para isso, o tráfico de drogas necessita de uma base territorial que manifestará a atuação dessas redes ilegais, ou seja, o lugar (o bairro) ligado ao mundo.

São os lugares que o homem habita dentro da cidade que dizem respeito ao seu cotidiano e ao seu modo de vida, onde se locomove, trabalha, passeia, flana, isto é, pelas formas através das qual o homem se apropria e que vão ganhando o significado dado pelo uso (CARLOS, 1996, p. 21).

Essa base territorial na metrópole é justamente as periferias, as baixadas ou as favelas. Nesses locais, a representação simbólica do tráfico de drogas surge em função da própria escolha das redes, que primeiro chegam até as áreas carentes, onde se encontram as massas utilizadas na organização do crime. Posteriormente, o tráfico vai ampliando o seu raio de influência, depois que já recrutou sua mão de obra, essencial para a manutenção do sistema.

A organização espacial/local do narcotráfico na periferia de Belém

Pode-se dizer que existe hoje na periferia da metrópole um crime organizado que está aos poucos criando raízes que podem, no futuro, enfraquecer o poder do Estado e inserir ainda mais a cidade no contexto internacional, nacional e regional do narcotráfico.

A organização local do tráfico ocorre por meio de funções específicas, atribuídas aos atores sociais envolvidos na trama das redes ilegais. Tem-se assim uma forma de coibir a ação de outros grupos, ou até mesmo das próprias práticas sociais que possam vir a enfraquecer o comércio do tráfico de drogas.

Primeiro destaca-se a boca de fumo, geralmente em uma área com becos, em ruas estreitas ou não asfaltadas que dificultam a atuação da polícia, mas que está dentro de uma área central dentro da zona de influência do tráfico de drogas naquele local. As bocas de fumo, como são conhecidas popularmente, ou seja, os locais onde se vende drogas no Guamá e na Terra Firme, são protegidas por alguns atores, como os soldados do tráfico, que diante de um conflito com uma facção rival protegem o território. Além disso, esses soldados do tráfico se encarregam da cobrança de quem tem alguma dívida com o sistema, ou até mesmo da coerção aos elementos considerados “estranhos” ao território, reprimindo os bandidos que atuam na área controlada pelo grupo, pois quando diminuem os assaltos afasta-se a possibilidade de a polícia ir com mais frequência ao local.

Outra forma de organização do tráfico em escala local está na presença do “olheiro”. Ele fica responsável por avisar quando a polícia está chegando à área. Pelo telefone celular se estabelece o contato e, rapidamente, assim o grupo se recolhe ou então esconde as armas. O “olheiro” fica na área de influência da facção, o papel dele é alertar o gerente da boca e os aviões.

Na passagem Ligação existe a presença de vários olheiros que avisam quando a polícia está entrando no território. Quando isso acontece, a polícia acaba por não encontrar nenhum elemento que apresente atitude suspeita. O mesmo ocorre na Lauro Sodré com o Tucunduba: lá também durante o dia os bandidos ficam com uma bola, fingindo estar jogando pelada na rua. Trata-se de uma forma de despistar a polícia. O mesmo ocorre em bocas de fumo do bairro do Guamá.

Também é importante analisar o papel do avião dentro do esquema do comércio de entorpecentes. Ele é responsável pela venda da “farinha” ou “ouro branco”, apelido dado pelos traficantes ao pó de cocaína. A função dele é essencial, pois ele se encarrega de pegar na boca as petecas¹ e fazer a comercialização pelo território. Geralmente o consumidor não tem conhecimento de onde vêm as petecas, ele só sabe que na área são vendidas, ou seja, procura o avião e compra o produto. Isso corresponde a uma estratégia de proteção da boca de fumo. Existem os limites para a atuação dos aviões na hora de desempenhar o comércio/varejo do pó e da pasta de cocaína: deve-se realizar em locais onde eles se sintam seguros contra qualquer possibilidade de desarticulação do esquema. São utilizadas linguagem em forma de códigos que só eles entendem e gírias criadas pela própria criminalidade e aplicadas ao cotidiano da periferia.

¹
“Peteca”: porção da droga [N.da E.]

Os aviões podem se aventurar em vender em festas de aparelhagem e alguns pagodes da periferia, onde a procura é muito grande e o preço da peteca pode ser elevado. Nas pesquisas de campo foi possível verificar as imensas filas que se formavam nos banheiros, local onde a droga é cheirada pelos consumidores nas festas. Não podemos apontar para uma participação dos donos dos estabelecimentos visitados no sistema ilegal do narcotráfico. É muito mais uma imposição do tráfico, pois traficantes e consumidores de cocaína são também clientes em bares, pagodes e festas de aparelhagem.

Quando se ouve a frase: “O movimento tá forte”, significa dizer que o tráfico está fortalecido com o comércio da droga em determinada área. Se a frase é: “O movimento tá fraco”, é porque o comércio/varejo da droga, por algum motivo, nessa área está enfraquecido, podendo ser pelo fato de a “boca estar quebrada”. Isso ocorre quando a polícia estoura uma boca de fumo, esmaecendo a atuação do grupo na área. O movimento ainda pode enfraquecer quando a droga é apreendida e não abastece todas as bocas dos bairros. Quando ocorre um desabastecimento na escala local, o preço da peteca pode subir de R\$ 20 para até R\$ 30 ou R\$ 40, devido à grande procura e a pouca oferta, ou seja, obedece à lei de mercado.

A área do canal do Tucunduba, na divisão entre os dois bairros mais violentos da capital, é influenciada pelas redes ilegais do narcotráfico e dividida em território controlados por grupos de criminosos, o que contribui para que as taxas de homicídios sejam altas nessa área, deixando bem clara a relação entre tráfico de drogas e violência urbana, baseada na lei da

periferia conhecida como “deveu, morreu”, uma realidade dos bairros do Guamá e da Terra Firme.

Em torno do igarapé do Tucunduba, pode-se associar a pobreza urbana e a desorganização socioespacial com o tráfico de drogas e com as altas taxas de homicídios. Isso caracteriza os bairros do Guamá e da Terra Firme como os mais violentos de Belém. É nesse sentido que se torna relevante levantar a questão sobre a criminalidade na periferia relacionada com o narcotráfico e o poder que as redes ilegais têm de desestruturar o território como legítimo do Estado-Nação.

É inegável a relação do tráfico de drogas nos bairros do Guamá e da Terra Firme com as redes ilegais do narcotráfico em escala internacional. O igarapé do Tucunduba aparece como uma área estratégica para a distribuição/comercialização/consumo da droga. Por isso, existe uma intensa disputa pelo controle da área, e isso contribuiu para que o local tenha elevadas taxas de homicídios. A condição social aparece como uma particularidade na escolha dos atores sociais do tráfico, e assim, para o fortalecimento da rede social do crime.

O medo da violência se manifesta de forma clara nesses dois bairros. As grades nas casas, mesmo humildes, são estratégias de segurança própria que os moradores promovem como autodefesa. A reprodução da criminalidade aprofunda as desigualdades sociais e fragmentação territorial da metrópole. A periferia passa a ser associada ao medo e à criminalidade, a “imagem do diabo”. Por outro lado, as áreas nobres de Belém se fecham com medo dos pobres da periferia, sobre o “cerco da violência”. Mesmo sendo os ricos os que mais têm oferecer, são os pobres da periferia que estão mais expostos ao risco.

Guamá e Terra Firme são bairros associados, pela sociedade belenense, à violência, criminalidade, medo e tráfico de drogas; não que outros bairros sejam excluídos desse imaginário, mas esses dois bairros populares de Belém já se consolidaram como bairros discriminados. A pesquisa levanta elementos que podem dar conta dessa explicação. Assim, estamos diante de uma reprodução simbólica da violência que só aumenta o ódio dos jovens criminosos da periferia em relação aos outros - e o tráfico de drogas representa a grande base para esse fato.

Considerações finais

A necessidade de buscar soluções que possam ser capazes de inibir a atuação das organizações criminosas ligados ao tráfico não é uma tarefa tão simples de se realizar. O tráfico de drogas em escala global e local vem criando novas formas e conteúdos no intraurbano das metrópoles brasileiras.

As redes ilegais manifestam no espaço urbano toda a dinâmica territorial do tráfico de drogas que envolve o local ao global e vice-versa. Nestes termos, estudar o narcotráfico na periferia de Belém depende, em primeiro lugar, da análise das redes, a articulação criminosa que se dá em cadeia, utilizando-se das rotas sobre a região Amazônia e que hoje são utilizadas para abastecer o tráfico na periferia.

Os bairros estudados apresentam uma lógica de organização das redes do narcotráfico, ou seja, o Guamá e a Terra Firme estão inseridos na trama das redes ilegais, pois algumas particularidades geográficas se tornam fatores atrativos para as atividades criminosas. A favelização que surge com a ocupação espontânea crescente, sobretudo na área do igarapé Tucunduba, é exemplo das desigualdades sociais e espacial que a metrópole reflete. Além disso, as redes de distribuição/varejo/consumo incorporam a área aos interesses dos agentes hegemônicos do narcotráfico.

Há ainda o fato de que as redes se materializaram em territórios, assim surgindo territórios-rede e territórios-zona. Nesse sentido, o tráfico de drogas como um sistema aberto configura um território em rede, demonstrando uma relação de fechamento/abertura, pois é preciso abastecer o mercado da droga na periferia pela periferia. Ao mesmo tempo, na periferia existem os territórios-zona, fechados e envolvidos pelas redes, com delimitações geográficas, sujeitos aos conflitos, organizados em escala local.

É nesse sentido que a pesquisa buscou entender a relação das redes ilegais do narcotráfico com a “territorialização perversa” na periferia de Belém, apontando áreas controladas pelo crime no bairro do Guamá e da Terra Firme, e destacando a funcionalidade do igarapé Tucunduba. A expansão da criminalidade em Belém tem relação direta com o aumento do consumo de cocaína e a disputa por pontos de venda de droga vem contribuindo para o aumento dos números de homicídios na cidade.

Com isso, o território da violência ganha destaque na mídia, compromete a população das baixadas, gera preconceito e discriminação e, ao mesmo tempo, junto com a precária atuação do Estado, ajuda a fortalecer a criação de uma rede social do tráfico. O crime em redes é uma realidade da periferia de Belém, onde esses dois bairros destacados simbolizam os reflexos da violência cotidiana que sofrem os pobres da periferia.

O controle do território por facções criminosas e que hoje vêm organizando sua atuação em áreas desses dois bairros desafiam os órgãos de segurança pública e comprometem a presença do Estado de direito. Cria-se, assim, uma espécie de poder paralelo que vem tomando de conta da periferia. As formas de violência impostas aos moradores dos bairros justificam as relações de poder que se estabelecem nas zonas de domínio do tráfico. É com essa afirmação que procuramos comprovar, através da pesquisa, a realidade vivida pela comunidade do Guamá e da Terra Firme.

A todo o momento buscou-se atentar para o fato de que o tráfico no Guamá e na Terra Firme não são fenômenos isolados e sim articulados aos circuitos produtivos na fronteira da Amazônia. A organização espacial dos bairros populares da referida pesquisa são exemplos típicos de uma precária problemática, que fragmentou o tecido urbano da metrópole, enfraqueceu a rede social comunitária e permitiu a infiltração das redes do narcotráfico. Por isso os bairros tornaram-se violentos. A área do Tucunduba aparece como o grande “nó da trama”, e de lugar de resistência transformou-se em lugar de perversidade, onde o crime tomou de conta do cotidiano das pessoas.

Os estudos sobre violência urbana na metrópole devem partir da realidade específica do lugar e da possível relação com fenômenos externos ao território, que podem ou não ter influência em certos acontecimentos. A articulação se dá através de interesses externos, o tráfico de drogas nos bairros do Guamá e da Terra Firme têm seus verdadeiros comandantes que controlam o esquema de distribuição, enquanto os traficantes dos bairros entram em conflito pelo controle definitivo de determinadas áreas para a comercialização da droga. Essa disputa territorial leva a uma maior exposição à violência urbana, onde os pobres da periferia correm um risco maior, pois isso faz parte da realidade vivenciada pela comunidade do Guamá e da Terra Firme. O tráfico tem o poder de influenciar a vida das pessoas.

É dessa forma que não se pretende chegar a uma conclusão acabada, pois essa discussão não se encerra por aqui: é um incentivo a mais para a manifestação de interesses voltados para a realização de diagnósticos possivelmente interessantes para a formulação de políticas públicas que sejam inseridas no contexto social da periferia do Guamá e da Terra Firme, abrangendo toda a comunidade, fortalecendo uma rede social cidadã, construindo direitos, incentivando a construção da cidadania, reduzindo as desigualdades e acabando com o preconceito.

Referências Bibliográficas

- ALCANTARA, C. M. M. **O processo de constituição e redefinição do espaço urbano em Belém: Área do Tucunduba**. Belém: NAEA, 1998.
- CARLOS, A. F. A. **O lugar do/no mundo**. São Paulo: Papirus, 1996.
- CASTELLS, M. **Fim do milênio**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. v. 1.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE, 2000. Site da instituição. Disponível em : <<http://www.ibge.gov.br>>.
- MACHADO, L. O. Notas sobre o complexo coca – cocaína na Amazônia sul – Americana. **Relatório Cnpq; Finep**. [S.l.]: [s.n.], 1998.
- _____. Região, Cidades e Redes Ilegais. Geografias Alternativas na Amazônia Sul-americana. In: GONÇALVES, Maria Flora; BRANDÃO, C. (Orgs.) **Regiões e cidades: Cidades nas regiões**. São Paulo: Edunesp, 2003.
- MARQUES, M. A. **Planejamento e gestão urbana no município de Belém (1997-2000): práticas e representações sobre a política de saneamento ambiental a partir da experiência de intervenção na bacia do Tucunduba**. Belém. NAEA/UFPA, 2001 (Dissertação de Mestrado).
- OLIVEIRA, J. M. C. de. **Produção e apropriação do espaço urbano: A verticalização em Belém (Pa)**. 1992. 195 f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.
- PEDRAZZINI, Y. **A violência das cidades**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.
- ONU. Relatório Sobre Tráfico de Drogas, 1994.
- ONU. Relatório Sobre Tráfico de Drogas, 2009.
- RODRIGUES, E. **De lugar de exclusão à força do lugar: A favela em uma “baixada” de Belém vista pela ótica da resistência**. Rio de Janeiro: [S.l.], 2009.
- RURHOFF, A. L. **Geopolítica das drogas**. Santa Maria. UFSM, 1998.
- SANTOS, Milton. **Técnica, espaço e tempo: globalização e meio técnico, científico, informacional**. 4 ed. SP: Hucitec, 1995.
- SOUZA, M. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná; GOMES, Paulo C, C.; CORRÊA, Roberto. **Geografia: Conceito e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- UNODC. **O Relatório Mundial sobre Drogas 2009**. Washington: UNODC, 2009.